

TENDÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS NA REVISTA HISTÓRIA: QUESTÕES E DEBATES. (1980-1990)

Thiago Felipe dos Reis ¹
Antonio Paulo Benatte ²

INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta, a ser desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em História da UEPG, tem como caráter ser um trabalho destinado à contribuição da história da historiografia brasileira, mais especificamente à história da historiografia paranaense.

Como o próprio título sugere, a história da historiografia, no Brasil, é um campo dentro da história que se encontra em fase de construção e desenvolvimento, uma vez que ainda observamos uma carência nas pesquisas dessa área. Podemos dizer que a história da historiografia está entre as invenções mais recentes do discurso histórico, nascendo junto com a consolidação da história, enquanto disciplina, como um discurso autônomo no final do século XIX. (ARAUJO, 2006, p.79-94)

Até a década de 1980 observou-se no Brasil uma hegemonia francesa no campo historiográfico, isso se deu devido à chegada da obra de vários historiadores franceses ao Brasil ligados ao *Annales*, além de uma forte influência das teorias marxistas. Sobre isso, José Carlos Reis aponta:

A historiografia no Brasil entre os anos 70 e 80 era ligada aos *Annales* e era ligada ao Marxismo, e a questão do Marxismo era muito forte. Mas os *Annales* sempre estimularam as questões empíricas, sempre recusaram muito a questão epistemológica, porque era considerada uma questão vazia. E é um ponto de vista que se tornou vencedor aqui no Brasil e há uma certa resistência aqui, na nossa comunidade de historiadores, a questão teórica. (MELLO, 2012, p.335-400)

Após a década de 1980, principalmente, é perceptível o surgimento de um debate político e cultural mais amplo, colocando em xeque as explicações até então adotadas para a compreensão de nossa sociedade, o Marxismo, por exemplo, passou a ser questionado e entendido por alguns como um sistema falido que não podia mais dar conta das mudanças vividas pela sociedade contemporânea.

Com a revisão dos objetos de estudo, observou-se também uma ampliação das pesquisas históricas e a expansão para outras áreas como, por exemplo, a literatura e a antropologia, trazendo a necessidade se repensar constantemente a história. A este respeito o historiador Manoel Salgado Guimarães escreveu que:

Cada geração reinventa o legado que deseja assumir como seu legado presente, e essa tarefa cria a necessidade de repensar a história, especialmente para aqueles que a tomaram como o exercício de um ofício, de uma profissão e de um magistério. Nesse movimento. Repensam as regras de seu ofício,

¹ Mestrando em História (Uepg). Email: thiago_felipe_reis@hotmail.com

² Orientador. Doutor em História (Unicamp), Professor do Depto. de História e do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

redefinem práticas que viabilizam o conhecimento do passado, reinventando a própria operação história num cenário de tensões e conflitos, a partir do qual a disputa pelo passado remete às disputas pela significação do próprio presente. (GUIMARÃES, 2003, p. 9)

A partir dos anos 1980, viu-se crescer nas universidades brasileiras, mais especificamente nos cursos de graduação e pós-graduação em história, um campo de pesquisa historiográfico mais amplo, com novos métodos, modelos, abordagens, diversificação de fontes e temas, oriundos de uma influência francesa que ainda encontrava-se hegemônica no meio acadêmico e nas pesquisas históricas em geral. As universidades, sobretudo as públicas, passaram então a ser os principais centros de produção historiográfica do Brasil. Sobre isso, os professores Fico e Polito apontam:

Para a compreensão do estágio atual da historiografia brasileira é essencial uma referência à evolução das universidades do país, ou, mais especificamente, aos cursos de pós-graduação em história brasileiros. Isto porque a quase totalidade da produção historiográfica brasileira efetiva-se nestes cursos (através da produção de teses de doutoramento e de dissertações de mestrado) ou em torno deles (com os trabalhos gerados pelos professores que neles atuam.) (FICO; POLITO, 1996, p. 189)

Neste contexto, é que surgem no cenário historiográfico brasileiro, as revistas acadêmicas de História produzidas pelas universidades, das mais diversas regiões do país, tentando cada vez mais promover o debate e a pesquisa histórica. Não diferente disso, surgiu no Paraná, idealizada através da APAH³ e do programa de pós-graduação em História da UFPR, a Revista “História Questões e Debates”. Criada em novembro de 1980 e existente até hoje, com o intuito de fomentar a pesquisa histórica, recuperando esta disciplina como um meio à formação intelectual e fazendo dela um estudo crítico e qualitativo, sendo classificada na década de 1990 como uma das cinco melhores revistas científicas brasileiras da área de História⁴.

Foi, a partir desta revista, que a produção acadêmica não apenas paranaense, já que a revista agregava autores das mais diversas instituições nacionais e até mesmo internacionais, começou a ser divulgada, principalmente as pesquisas realizadas no curso de mestrado, e mais tarde, no curso de doutorado do

programa de pós- graduação em história da UFPR.

Partindo desses pressupostos, tem-se como objetivo central, nesse trabalho, compreender a possíveis tendências historiográficas surgidas no Brasil, a partir da década de 1980, através de um estudo mais aprofundando de artigos selecionados, podendo ser esses artigos de cunho teórico, ou pesquisas desenvolvidas baseadas nestes novos pressupostos historiográficos. Neste sentido, é importante salientar a idéia de se trabalhar com uma revista acadêmica, de cunho científico, como um exemplo de contribuição à história da historiografia no Brasil.

Balanço bibliográfico

A historiografia, a escrita da história em si, vem sendo objeto de estudo de vários historiadores, que dentro de suas perspectivas e de sua própria formação, debruçam-se na busca da compreensão sobre o que é a história a partir do seu ponto de vista e de seus próprios questionamentos, oriundos do tempo e do espaço em que vivem. Mais do que pensar a história como uma “ciência” em constante transformação, Michel de Certeau, em seu texto “A operação historiográfica” (CERTEAU, 2006), nos mostra qual a função e a importância de tal prática no desenvolvimento da sociedade e na trajetória humana. Neste sentido, a História é considerada uma prática, por encontrar-se submetida a uma série de imposições, ligada a privilégios e enraizada em uma particularidade. A “operação historiográfica” torna-se então, de certa forma, uma reprodução de uma construção intencional do conhecimento, uma vez que este se estabelece a partir de um conjunto de métodos, práticas, teorias e influências. Esse conjunto de componentes constituidores da História só é possível a partir de uma questão temporal, pois a História tem a sua própria história, e um dos nossos esforços deve ser o entendimento sobre sua contemporaneidade.

Compreender as tendências surgidas ao longo de sua trajetória e suas práticas é entender o tempo em que a produção da História está inserida e o seu espaço, pois, para Certeau, a combinação histórica se refere à junção de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita. Portanto, para se ter uma pesquisa histórica são necessários métodos,

3 APAH: Associação Paranaense de História, entidade criada em 1980, com o objetivo de desenvolver da História como instrumento de conhecimento, pesquisa, educação e produção cultural.

4 Disponível em: <http://www.reocites.com/CollegePark/hall/4705/>

uma delimitação temporal e local; a partir disso, o resultado torna-se uma escrita ou uma literatura e, por consequência, uma interpretação, por isso, seria correto afirmar que, “a história não começaria senão com a nobre palavra da interpretação” (CERTEAU, 2006, p. 68).

Sendo passível de interpretações e fruto de seu tempo, a história deixa sua veracidade, neutralidade e objetividade de lado, tornando-se então mais dinâmica. Afinal, hoje sabemos que a História não é, senão, uma “ciência” em constante modificação, estando sempre sujeita às leituras e interpretações dos seus leitores em sua época específica. Destarte, afirmar que a História é única e imutável, seria negar um passado relido e reinterpretado, seria negar a ideia de uma transformação, e por fim, seria negar a descoberta de novas fontes, métodos e temáticas.

Neste sentido, entender as ideias de Michel de Certeau sobre a constituição da História, sua importância, sua trajetória e seus resultados, será de extrema importância para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa e para o cumprimento de sua proposta.

Para entender essas modificações, contextualizá-las e explicar as diversas influências surgidas é necessário uma revisão crítica dos textos publicados à luz da recente produção historiográfica sobre as questões de cunho teórico-metodológico. Nesse momento, faz-se necessária a utilização dos conceitos de Certeau, conforme referenciado anteriormente, sendo que para este autor, uma pesquisa histórica como qualquer outra ciência só é possível num equilíbrio entre a prática e a teoria. Para tanto cria-se um despertar epistemológico, onde a teoria torna-se algo receptível, que por um lado abre as práticas para o espaço de uma sociedade, e que por outro lado, organiza os procedimentos próprios de uma disciplina.

Entender um pouco mais sobre essa história da historiografia também se faz necessária, já que pretende-se com essa pesquisa, utilizar a revista História: Questões e Debates como uma fonte de contribuição a esse “campo”.

A reflexão contemporânea sobre a história da historiografia tem procurado mostrar como seu discurso, apesar de ter sido construído com a intenção de gerar instrumentos críticos do discurso histórico, acabou por se aprisionar nos mesmos dilemas. Nessa perspectiva, destaca-se o esforço de Frank Ankersmit, ao tentar conciliar a crítica formalista de Hayden White com a ênfase historista e antifundamentalista de Richard Rorty. (ARAUJO, 2006)

Nos seus estudos sobre as origens da historiografia pós-moderna, Ankersmit parte da afirmação de que a arte pós-modernista é a primeira forma artística que não está interessada em se localizar na história da arte. A partir desse ponto, o autor levanta as consequências de um desinteresse semelhante para a história da historiografia. (ANKERSMIT, 2006)

O pós-modernismo na historiografia poderia ser visto como a radicalização de uma posição historicista. Ao postular a fragmentação da história universal ilustrada e suas filosofias totalizantes, o historicismo chamou a atenção para as diferenças regionais, para os processos singulares e as formações históricas concretas. A tarefa do historiador seria fazer com que essas diferenças fossem retratadas no produto final de seu trabalho, ou seja, a narrativa histórica.

Por fim, como contribuição bibliográfica para a elaboração deste estudo, salienta-se a necessidade de entender o discurso da História, bem como do historiador, sua trajetória, e sua constante alteração, além da compilação de sua teoria com o tema abordado. Nesse sentido, Jenkins servirá de base para o entendimento dessas ditas tendências historiográficas ocorridas e suas origens. Com esse intuito, observa-se o que o autor aponta sobre o discurso da História:

A história é um discurso cambiante e problemático, tendo como pretexto um aspecto do mundo, o passado, que é produzido por um grupo de trabalhadores cuja cabeça está no presente (e que, em nossa cultura, são na imensa maioria assalariados), que tocam seu ofício de maneiras reconhecíveis uns para os outros (maneiras que estão posicionadas em termos epistemológicos, metodológicos, ideológicos e práticos) e cujos produtos, uma vez, colocados em circulação, veem-se sujeitos a uma série de usos e abusos que são teoricamente infinitos, mas que na realidade correspondem a uma gama de bases de poder que existem naquele determinado momento e que estruturam e distribuem ao longo de um espectro do tipo dominantes/marginais os significados das histórias produzidas. (JENKINS, 2001, p. 109)

Para Keith Jenkins, a História ao invés de ser considerada uma matéria ou disciplina, aprendida de forma pronta e absoluta, deve ser vista como um “campo de força” - uma série de maneiras com que as partes interessadas organizam o passado em prol de si mesmas. (JENKINS, 2001) Por conseguinte, o uso do termo discurso indica que sabemos que a

história nunca é só ela, nunca é formulada ou interpretada inocentemente e sempre serve a alguém.

Assim, a pesquisa aqui proposta, também tem o intuito de analisar, se possível, esses discursos objetivando o aparecimento das transformações teóricas. Conquanto, faz-se necessário um levantamento tanto qualitativo quanto analítico dos textos por nós elencados dentro do periódico em questão.

Objetivos da pesquisa.

Este projeto de pesquisa tem como objetivo geral compreender e teorizar as novas tendências historiográficas surgidas no campo histórico brasileiro, tendo como referência uma revista acadêmica paranaense: “História: Questões e Debates” e sua trajetória ao longo da década de 1980. Nesse sentido, é importante salientar a proposta de fazer destas fontes históricas, os artigos selecionados da revista, uma contribuição para o estudo da história da historiografia no Brasil e no Paraná.

Tem-se como objetivos específicos.

I. Identificar a trajetória que a revista “História: Questões e Debates” seguiu durante a década de

1980, problematizar o seu nome, contextualizar a fase de sua criação, bem como situá-la como uma revista acadêmica de produção da APAH conjuntamente com o programa de pós-graduação da UFPR.

2. Problematizar a história da historiografia como um “campo” em construção e identificar o “local” da história da historiografia nos estudos atuais, bem como situar a revista como uma fonte de análise de contribuição para os estudos deste campo, utilizando de seus artigos teóricos como exemplo.

3. Analisar os artigos de cunho teórico e também os artigos que contenham pesquisas contempladas por essas novas tendências historiográficas, a partir da década de 1980, como exemplos de contribuições para a produção historiográfica local e brasileira.

Planejamento da pesquisa.

Como forma de planejar a pesquisa aqui proposta, elaboramos um cronograma semestral, tendo como base os 4 semestres de duração do curso do mestrado. Salientamos que este cronograma é flexível e pode sofrer alterações de acordo com as exigências do orientador e das disciplinas cursadas.

	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Levantamento Bibliográfico	X	X	X	X
Análise das Fontes	X	X	X	X
Cumprimento dos créditos	X	X	X	
Participação em eventos	X	X	X	X
Qualificação			X	
Redação da dissertação		X	X	X
Defesa				X

Métodos e técnicas de pesquisa.

A idealização do periódico “História: Questões e Debates”, que teve seu primeiro volume publicado em novembro de 1980, se deu através da criação da APAH (Associação Paranaense de História) pelo programa de pós graduação em História da UFPR, como menciona na apresentação do primeiro volume o professor Carlos Roberto Antunes dos Santos. (SANTOS, 1980, v. I n. I) A ideia dessa associação seria a de repensar uma metodologia da pesquisa em História, bem como repensar o ensino dessa disciplina nos âmbitos escolares e acadêmicos e o seu papel na formação desses cidadãos.

Seu título surgiu em decorrência destes objetivos, “História: Questões e Debates”, tendo como intuito fomentar questões e debates relacionados à problemática da produção da transmissão do conhecimento em História e as suas relações com as vizinhas ciências humanas. Com essa base, o resultado foi que este periódico se tornou, na academia brasileira, um dos maiores espaços de apresentação de pesquisas em História, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, tendo sido considerada uma das cinco maiores revistas acadêmicas de História no Brasil.

Como o nosso enfoque central é análise das novas tendências historiográficas surgidas no Brasil, durante a década de 1980, tendo como fonte uma revista acadêmica paranaense. Adotamos como metodologia a seleção das revistas desde o volume I (novembro de 1980) ao 20/21 (junho e dezembro de 1990, publicados no mesmo volume as duas edições). Ao longo dessas 21 revistas, encontramos entre apresentações, discussões, resultados de pesquisa, artigos, debates, resenhas, além de uma relação das dissertações defendidas no Programa de Pós-graduação em História pela UFPR. Na grande maioria dos volumes, encontra-se pelo menos um artigo de base teórico-metodológica, desde a sua primeira edição. Isso denota a importância dada, e já salientada no próprio título, que impõe o desejo dos organizadores de discutir as novas tendências da produção historiográfica do período.

A partir da análise dos artigos selecionados, buscamos analisar quais as influências, como eram recebidas essas novas metodologias, como a historiografia no Brasil se transformou ao longo dessa década, além dos comentários positivos ou críticos que os autores puderam tecer sobre as discussões.

Parte dos textos que analisaremos podem ser consultados com suas devidas referências na primei-

ra parte da Bibliografia deste projeto, denominada “fontes primárias”. Destacamos que utilizamos o termo “partes”, pelo motivo desta pesquisa encontrar em sua fase inicial, por isso a seleção de artigos ainda encontra-se em fase de construção, podendo sofrer alterações. Ali, encontram-se todos os artigos de cunho teórico publicados ao longo da década de 1980, os quais utilizamos para a composição deste projeto.

Para a seleção desses artigos, faz-se necessário um levantamento, tanto qualitativo quanto analítico, dos textos publicados durante a década de 1980 na Revista História: Questões e Debates. O local utilizado para o levantamento de dados, análise e mapeamento dos artigos será a Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, que tem em seu acervo a coleção completa da revista desde a sua fundação até o presente momento.

Referências

ANKERSMIT, Frank. Historicismo, pós-modernismo e historiografia. In: MALERBA, Jurandir. (org.) **A História escrita: teoria e história da historiografia**. p. 27-64.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Linguagem: do signo ao discurso. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.6, n.11, p. 137-165, dez. 1985.

ARAÚJO, Silvia Maria Pereira de. Reflexões sobre a Nova História. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. I, n. I, p. 17-25, nov. 1980

ARAÚJO, Valdei. **Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma**. Locus (Juiz de Fora), v. 12, p. 79-94, 2006

BALHANA, Altiva Pilatti. Avaliação da pesquisa histórica no país. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.5, n.8, p. 135-137, jun. 1984

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. A história Social em questão. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.9, n.17, p. 229-242, dez. 1988.

BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Lisboa, Europa-América, s/d.

BONI, Maria Ignês Mancini de. História comemorativa. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.4,

n.7, p. 201-205, dez. 1983.

BOTTMANN, Denise. Emmanuel Le Roy Ladurie e “Événement et longue durée dans l’historie sociale: l’exemple chouan”. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.7, n.13, p. 280-289, dez. 1986.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. A Nova História. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.4, n.7, p. 205, dez. 1986.

CARBONELL, Charles-Oliver. O passado na profecia orwelliana. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.5 , n.9, p. 177-189, dez.1984

CARDOSO, Alcina Maria de Lara & ARAÚJO, Silvia Maria Pereira de. Jornais Operários – metodologia para análise do discurso operário na Primeira República. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.4, n.6, p. 99-111, jun. 1983

CARDOSO, Jayme Antonio. O cinquentenário da Escola dos “Annales”. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.1, n.1, p. 9-17, nov. 1980

CARDOSO, Jayme Antonio. O modelo de explicação histórica proposto por Brasil Pinheiro Machado. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.2, n.2, p. 5-15, jun. 1981.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 65-106.

CERTEAU, Michel. **A cultura historiográfica nos anos 80**: mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira - (IV). Porto Alegre: Evangraf, 1993.

CESÁRIO, Ana Cleide. A (des) construção do discurso histórico. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.11, n.20/21, p. 193, jun.-dez.1990.

COLODEL, José Augusto. Tempo Histórico: um novo conceito. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.3, n.5, p. 179-183, dez. 1982

COSTA, Odah Regina Guimarães. Instrumentos de trabalho em pesquisa se história social. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.2, n.2, p. 83-97, jun. 1981.

FICO, Carlos; POLITO, Ronald. **A história no Brasil (1980-1989)**: elementos para uma avaliação historiográfica. Ouro Preto: UFOP, 1992.

FICO, Carlos; POLITO, Ronald. A historiografia brasileira nos últimos 20 anos – tentativa de avaliação crítica. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A Velha História**: teoria, método e historiografia. Campinas, SP: Papirus, 1996 . p. 189-208.

GLÉNISSON, Jean. O historiador, o número e a máquina. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.3, n.4, p. 3-11, jun. 1982.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Apresentação. In: HARTOG, François. **O século XIX e a história**: o caso de Fustel de Coulanges. Rio de Janeiro: UFRJ: 2003. p.9

HAREVEN, Tamara K. Tempo de família e tempo histórico. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.4, n.7, p. 205, dez. 1986

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

KULA, Marcin. História e Sociologia. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.9, n.17, p. 276-293,dez.1988.

MACHADO, Brasil Pinheiro. O estudo da História Regional (uma nota prévia). **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.2, n.3, p. 103-109, dez. 1981

MAURO, Frederic. História, historicidade e historicismo. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.9, n.17, p. 267-276, dez.1988.

MOTA, José Flávio. Família escrava: uma incursão pela historiografia. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.9, n.16, p. 104-161, jun.1988.

NETO, Antonio Simão. Acerca da regulamentação da profissão de historiador: questões para um debate. **História: Questões e Debates**, Curitiba a.4, n.6, p. 71-81, jun.1983.

NETO, Antonio Simão. Nova História, novo museu? **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.9, n.17, p. 251-267, dez.1988.

PÍVARO, Hilda. A concepção marxista de História. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.4, n.7, p. 206-216, dez. 1983.

RAMOS, Cesar Augusto. História e reificação temporal. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.2, n.2, p.37-63, jun. 1981.

REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales**: a inovação na história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

REIS, José Carlos (entrevista). In: MELLO, Ricardo Marques de. **O que é Teoria da História?** Três significados possíveis. História e Perspectiva. Uberlândia (46): 335-400, jan/jun 2012.

RIBEIRO, Luiz Carlos. A memória do cotidiano na História do Trabalho. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.8, n.14/15, p. 100-117, jun.-dez. 1987.

RÜSEN, Joan. Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da “nova intransparência”. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.10, n.18/19, p. 303-329, jun.-dez. 1989.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Memória, história e patrimônio cultural. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.9, n.17, p. 242-251, dez. 1988.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A comissão editorial – Apresentação. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.1, n.1, p. 5, nov. 1980

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. História e pesquisa acadêmica. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.4, n.7, p. 205, dez. 1986.

TOPOLSKI, Jersey. O conteúdo temporal da narrativa histórica. **História: Questões e Debates**, Curitiba, a.7, n.12, p. 41-57, jun. 1986.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Ed. da USP, 1992.